

António de Castro Caeiro. *Wittgentstein: A possibilidade da transparência. Jogo de linguagem. Fazer o sentido. O que é a filosofia?* CCB. 4 de nov. de 20.¹

WITTGENSTEIN, L. & LOURENÇO, M.S. (2015) *Tractatus logico-philosophicus* e *Investigações Filosóficas*. Trad. e pref. de M. S. Lourenço; introd. e alguns comentários sobre o “Tractatus” de Tiago de Oliveira. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*.

http://mickindex.sakura.ne.jp/wittgenstein/witt_pu_gm.html

Tractatus Logico Philosophicus

<https://www.gutenberg.org/files/5740/5740-pdf.pdf>

GIER, Nicholas F. “WITTGENSTEIN AND HEIDEGGER : A PHENOMENOLOGY OF FORMS OF LIFE.” *Tijdschrift Voor Filosofie*, vol. 43, no. 2, 1981, pp. 269–305. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/40883673. Accessed 1 Nov. 2020.

COOPER, David E. “Wittgenstein, Heidegger and Humility.” *Philosophy*, vol. 72, no. 279, 1997, pp. 105–123. *JSTOR*, www.jstor.org/stable/3751307. Accessed 31 Oct. 2020.

23. [Wieviele Arten der Sätze gibt es aber? Etwa Behauptung, Frage und Befehl? - Es gibt *unzählige* solcher Arten: unzählige verschiedene Arten der](#)

¹ As traduções são minhas.

Verwendung alles dessen, was wir »Zeichen«, »Worte«, »Sätze«, nennen. Und diese Mannigfaltigkeit ist nichts Festes, ein für allemal Gegebenes; sondern neue Typen der Sprache, neue Sprachspiele, wie wir sagen können, entstehen und andre veralten und werden vergessen.

(Ein *ungefähres* Bild davon können uns die Wandlungen der Mathematik geben.)

Das Wort »*Sprachspiel*« soll hier hervorheben, daß das Sprechen der Sprache ein Teil ist einer Tätigkeit, oder einer Lebensform. Führe dir die Mannigfaltigkeit der Sprachspiele an diesen Beispielen, und anderen, vor Augen:

- Befehlen, und nach Befehlen handeln -
- Beschreiben eines Gegenstands nach dem Ansehen, oder nach Messungen -
- Herstellen eines Gegenstands nach einer Beschreibung (Zeichnung) -
- Berichten eines Hergangs -
- Über den Hergang Vermutungen anstellen -
- Eine Hypothese aufstellen und prüfen -
- Darstellen der Ergebnisse eines Experiments durch Tabellen und Diagramme -
- Eine Geschichte erfinden; und lesen -
- Theater spielen -
- Reigen singen -
- Rätsel raten -
- Einen Witz machen; erzählen -
- Ein angewandtes Rechenexempel lösen -
- Aus einer Sprache in die andere übersetzen -
- Bitten, Danken, Fluchen, Grüßen, Beten.

- Es ist interessant, die Mannigfaltigkeit der Werkzeuge der Sprache und ihrer Verwendungsweisen, die Mannigfaltigkeit der Wort- und Satzarten, mit dem zu vergleichen, was Logiker über den Bau der Sprache gesagt haben. (Und auch der Verfasser der *Logisch-Philosophischen Abhandlung*.)

23. Quantos tipos de frases existem? Enunciados declarativos, interrogativas e imperativos? - há inúmeras orações de cada uma dessas espécies: inúmeras diferentes espécies de aplicação para tudo aquilo que chamamos “signos”, “palavras”, “frase”. E esta multiplicidade não é nada de fixo, algo dado de uma vez por todas; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como podemos dizer, surgem e outros envelhecem e são esquecidos. (As transformações na matemática podem dar-nos uma imagem aproximada disso.)

A palavra “jogo de linguagem” deve destacar aqui o facto de que falar uma língua é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida. Põe à frente dos teus olhos a multiplicidade de jogos de linguagem com os seguintes exemplos e outros:

- Comandar e agir de acordo com comandos -
- Descrever um objeto após visualizá-lo ou depois de fazer medições -
- Fabricar um objeto de acordo com uma descrição (desenho) -
- Relatar um acontecimento -
- Fazer suposições sobre o acontecimento -
- Pôr uma hipótese e testá-la -
- Apresentar os resultados de uma experiência através de tabelas e diagramas -
- inventar uma história; e ler -
- Representar no teatro -

- Cantar à roda -
- adivinhar um enigma -
- fazer uma piada; contar uma anedota -
- Resolver um exercício de cálculo aplicado -
- Traduzir de um idioma para outro -
- Pedir, agradecer, amaldiçoar, saudar, orar.

É interessante comparar a variedade de ferramentas da linguagem e os seus modos de emprego, a multiplicidade de tipos de palavras e frases, com o que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (E também o autor do Tratado Lógico-Filosófico.).

Obs.:

Redução lógica da linguagem a enunciados declarativos, afirmativos, na voz passiva. Ligação sintáctica entre frases exclusivamente coordenativa, neutralização das subordinação. Neutralização do discurso indirecto, quantificadores e valores de verdade (Frege). Apuramento do referente como condição sine qua non da verdade, mesmo que se compreendam sentidos sem referentes.

Consideração meramente lexical, verbal e intelectual da linguagem – se é que é possível, porque se quer saber como se diz um sentido noutra língua ou noutra linguagem.

“Tentar perceber”, “compreender”, “explicar”, “aprender” implicam acções e actividades teóricas, cognitivas e práticas. Estudar matemática ou lógica através de exercícios. Pôr em prática o calculo, aprender de cor a tabuada e perceber a lógica interna da tabuada. Aprender de cor o abecê e perceber a diferença entre consoantes, vogais e semivogais. Saber de cor, da boca para

fora, sem saber fazer e saber fazer sem explicar, mas conseguir mostrar como se faz.

160. Denke dir aber diesen Fall: Wir geben Einem, der fließend lesen kann, einen Text zu lesen, den er nie zuvor gesehen hat. Er liest ihn uns vor - aber mit der Empfindung, als sage er etwas Auswendiggelerntes (dies könnte die Wirkung irgendeines Giftes sein). Würden wir in einem solchen Falle sagen, er lese das Stück nicht wirklich? Würden wir hier also seine Empfindungen als Kriterium dafür gelten lassen, ob er liest oder nicht? Oder aber: Wenn man einem Menschen, der unter dem Einfluß eines bestimmten Giftes steht, eine Reihe von Schriftzeichen vorlegt, die keinem existierenden Alphabet anzugehören brauchen, so spreche er nach der Anzahl der Zeichen Wörter aus, so als wären die Zeichen Buchstaben, und zwar mit allen äußeren Merkmalen und Empfindungen des Lesens. (Ähnliche Erfahrungen haben wir in Träumen; nach dem Aufwachen sagt man dann etwa: »Es kam mir vor, als läse ich die Zeichen, obwohl es gar keine Zeichen waren.«) In so einem Fall würden Manche geneigt sein, zu sagen, der Mensch *lese* diese Zeichen. Andere, er lese sie nicht. - Angenommen, er habe auf diese Weise eine Gruppe von vier Zeichen als OBEN gelesen (oder gedeutet) - nun zeigen wir ihm die gleichen Zeichen in umgekehrter Reihenfolge und er liest NEBO, und so behält er in weiteren Versuchen immer die gleiche Deutung der Zeichen bei; hier wären wir wohl geneigt, zu sagen, er lege sich ad hoc ein Alphabet zurecht und lese dann danach.

160. Mas pensemos neste caso: demos a alguém que sabe ler fluentemente um texto a ler que nunca viu antes. Ele lê para nós - mas com a sensação de estar a dizer algo que aprendeu de cor (isto podia ser o efeito de algum

veneno). Nesse caso, diríamos que ele não está realmente a ler o trecho? Seriam as suas sensações um critério válido para determinar se ele está a ler ou não?

Ou antes, se pusermos à frente de uma pessoa que está sob a influência de um certo veneno uma série de caracteres que não precisam de pertencer a um alfabeto existente, então pronunciará palavras de acordo com o número de sinais, como se os sinais fossem letras com todas as marcas exteriores e sensações de leitura. (Temos experiências semelhantes em sonhos; depois de acordar, dizemos algo como: “Parecia-me que estava a ler os sinais”, embora não fossem nenhuns sinais. Num caso deste género, alguns estariam inclinados a dizer que a pessoa leu esses sinais. Outros, que ela não os leu. - Suponhamos que tenha lido (ou interpretado) deste modo um grupo de quatro sinais como CIMO - agora mostramos-lhe os mesmos sinais na ordem inversa e a pessoa lê OMIC, e deste modo mantém a mesma interpretação dos sinais nas tentativas ulteriores. Aqui estaríamos inclinados a dizer que ele arranja um alfabeto *ad hoc* e depois lê em conformidade.

[169](#). Aber empfinden wir nicht, wenn wir lesen, eine Art Verursachung unseres Sprechens durch die Wortbilder? - Lies einen Satz! - und nun schau der Reihe entlang und sprich dabei einen Satz. Ist es nicht fühlbar, daß im ersten Fall das Sprechen mit dem Anblick der Zeichen *verbunden* war und im zweiten ohne Verbindung neben dem Sehen der Zeichen herläuft? Aber warum sagst du, wir fühlten eine Verursachung? Verursachung ist doch das, was wir durch Experimente feststellen; indem wir, z.B., das regelmäßige Zusammentreffen von Vorgängen beobachten. Wie könnte ich denn sagen, daß ich das, was so durch Versuche festgestellt wird, *fühle*? (Es

ist wohl wahr, daß wir Verursachung nicht nur durch die Beobachtung eines regelmäßigen Zusammentreffens feststellen.) Eher noch könnte man sagen, ich fühle, daß die Buchstaben der *Grund* sind, warum ich so und so lese. Denn, wenn mich jemand fragt: »Warum liest du so?« - so begründe ich es durch die Buchstaben, welche da stehen.

Aber was soll es heißen, diese Begründung, die ich ausgesprochen, gedacht habe, zu *fühlen*? Ich möchte sagen: Ich fühle beim Lesen einen gewissen *Einfluß* der Buchstaben auf mich - aber nicht einen Einfluß jener Reihe beliebiger Schnörkel auf das, was ich rede. - Vergleichen wir wieder einen einzelnen Buchstaben mit einem solchen Schnörkel! Würde ich auch sagen, ich fühle den Einfluß von »i«, wenn ich diesen Buchstaben lese? Es ist natürlich ein Unterschied, ob ich beim Anblicken von »i« den i-Laut sage, oder beim Anblick von »§«. Der Unterschied ist etwa, daß beim Anblick des Buchstabens das innere Hören des i-Lauts automatisch, ja gegen meinen Willen, vor sich geht; und wenn ich den Buchstaben laut lese, sein Aussprechen anstrengungsloser ist als beim Anblick von »§«. Das heißt - es verhält sich so, wenn ich den *Versuch* mache; aber natürlich nicht, wenn ich, zufällig auf das Zeichen »§« blickend, etwa ein Wort ausspreche, in welchem der i-Laut vorkommt.

169. Mas não temos nós a sensação, quando lemos, de uma espécie de ocasionamento da linguagem através de imagens de palavras? - Lê uma frase! - e agora olha para a disposição em série das letras e pronuncia uma frase. Não se pode sentir que, no primeiro caso, o falar estava ligado ao aspecto dos sinais e, no segundo, decorre sem ligação com o ver dos sinais? Mas por que disseste que sentimos um ocasionamento? O ocasionamento é o que determinamos por meio de experimentos; quando, por exemplo, observamos a coincidência regular de ocorrências. Como poderia então eu

dizer que sinto o que é estabelecido por tentativa? (É provavelmente verdade que não determinamos um ocasionamento apenas pela observação de uma coincidência regular.) Em vez disso, pode-se dizer que sinto que as letras são a razão pela qual eu leio desta maneira e doutra. Porque se alguém me pergunta: “Por que lê assim?” - eu justifico-o com as letras que ali estão.

Mas o que significa sentir essa justificação que eu pensei, que eu proferi? Eu quero dizer: eu sinto, quando leio, uma certa influência das letras em mim - mas não uma influência da série de arabescos aleatórios sobre os quais estou a falar. -

Comparemos novamente uma letra isolada com um tal arabesco! Posso dizer também que sinto a influência do “i”; quando leio esta letra? É claro que existe uma diferença entre dizer o som i quando olho para um “i” e quando olho para “§”. A diferença é, por exemplo, que quando vejo a letra, ocorre automaticamente a audição interior do som “i”, mesmo contra a minha vontade; e quando leio a letra em voz alta, a sua pronúncia é menos difícil do que quando vejo “§”. Isto é - passa-se assim quando faço a tentativa; mas naturalmente não é assim que se passa, quando olho, por acaso, para o sinal “§” e pronuncio uma palavra em que ocorre o som i.

Obs.: Conteúdo material: acústico, óptico, tátil. Redução à apresentação material. Conteúdo de sentido. Diferença entre conteúdo literal e figurado. Animação da sensação visual por uma apercepção empírica do sentido que pode acompanhar o impresso, o audível, o palpável. Diferença entre os i's e os seus pontos. O som e o modo de o grafar.

170. Wir wären ja nie auf den Gedanken gekommen, wir *fühlten den Einfluß* der Buchstaben auf uns beim Lesen, wenn wir nicht den Fall der Buchstaben mit dem beliebiger Striche verglichen hätten. Und hier merken wir allerdings einen *Unterschied*. Und diesen Unterschied deuten wir als Einfluß, und Fehlen des Einflusses.

Und zwar sind wir zu dieser Deutung dann besonders geneigt, wenn wir absichtlich langsam lesen, - etwa um zu sehen, was denn beim Lesen geschieht. Wenn wir uns sozusagen recht absichtlich von den Buchstaben *führen* lassen. Aber dieses ›mich führen lassen‹ besteht wieder nur darin, daß ich mir die Buchstaben gut anschau, - etwa, gewisse andere Gedanken ausschalte.

Wir bilden uns ein, wir nähmen durch ein Gefühl, quasi, einen verbindenden Mechanismus wahr zwischen dem Wortbild und dem Laut, den wir sprechen. Denn wenn ich vom Erlebnis des Einflusses, der Verursachung, des Geführtwerdens rede, so soll das ja heißen, daß ich sozusagen die Bewegung der Hebel fühle, die den Anblick der Buchstaben mit dem Sprechen verbinden.

170. Nunca teríamos pensado que sentíamos a influência das letras sobre nós durante a leitura, se não tivéssemos comparado o caso das letras com o de qualquer traço. E aqui, no entanto, notamos uma diferença. E interpretamos essa diferença como influência e falta de influência.

Estamos particularmente inclinados para essa interpretação quando lemos deliberadamente devagar - por exemplo, para ver o que acontece durante a leitura. Se nos deixarmos levar propositadamente pelas letras. Mas este "deixar-me levar", novamente, consiste apenas em ver bem as letras - por exemplo, em desligar alguns outros pensamentos.

Nós imaginamos que, por meio de um sentimento, estamos, por assim dizer, a captar um mecanismo de conexão entre a imagem da palavra e o

som que pronunciamos. Porque quando falo da vivência da influência, do ocasionamento, do ser levado, então, tal quer dizer que eu por assim dizer sinto o movimento da alavanca que conecta o aspecto das letras com o dizê-las.

Obs.: entrar na leitura e sair da leitura. A influência. As horas que passam a ler e as viagens que fazemos. Levar, ir, conduzir, ser. Agente da passiva. No interior da compreensão, não no acompanhamento intelectual, teórico e cognitivo.

[171](#). Ich hätte mein Erlebnis beim Lesen eines Wortes auf verschiedene Weise treffend durch Worte ausdrücken können. So könnte ich sagen, daß das Geschriebene mir die Laute *eingebe*. - Aber auch dies, daß Buchstabe und Laut beim Lesen eine *Einheit* bilden - gleichsam eine Legierung. (Eine ähnliche Verschmelzung gibt es z.B. zwischen den Gesichtern berühmter Männer und dem Klang ihrer Namen. Es kommt uns vor, dieser Name sei der einzig richtige Ausdruck für dieses Gesicht.) Wenn ich diese Einheit fühle, könnte ich sagen: ich sehe, oder höre den Laut in dem geschriebenen Wort. -

Aber jetzt lies einmal ein paar Sätze im Druck, so wie du's gewöhnlich tust, wenn du nicht an den Begriff des Lesens denkst; und frage dich, ob du beim Lesen solche Erlebnisse der Einheit, des Einflusses, etc. gehabt hast. - Sag nicht, du habest sie unbewußt gehabt! Auch lassen wir uns nicht durch das Bild verleiten, ›beim nähern Hinsehen‹ zeigten sich diese Erscheinungen! Wenn ich beschreiben soll, wie ein Gegenstand aus der Ferne ausschaut, so wird diese Beschreibung nicht genauer dadurch, daß ich sage, was bei näherem Hinsehen an ihm zu bemerken ist.

171. Eu poderia ter expressado a minha vivência da leitura de uma palavra de diversas maneiras com exactidão por meio de palavras. Assim, poderia dizer que o está escrito me concede os sons. - Mas também que as letras e o som formam uma unidade durante a leitura - uma liga de metais, por assim dizer. (Há uma fusão semelhante, por exemplo, entre os rostos de homens famosos e o som de seus nomes. Parece-nos que um dado nome é a única expressão correta para o rosto correspondente.) Se eu sentir esta unidade, poderia dizer: vejo ou ouço o som na palavra escrita. -

Mas lê agora algumas frases impressas, como o fazes habitualmente, quando não estás a pensar no conceito de leitura; e pergunte-te a ti se, durante a leitura, tens tido tais vivências de unidade, de influência,. - Não digas que as tiveste inconscientemente! Também não nos deixemos enganar pela ideia de que “numa inspeção mais pormenorizada” se revelam tais fenómenos! Se devo descrever a aparência de um objeto à distância, essa descrição não se torna mais precisa se disser o que pode ser notado nele numa consideração mais pormenorizada.

172. Denken wir an das Erlebnis des Geführtwerdens! Fragen wir uns: Worin besteht dieses Erlebnis, wenn wir z.B. einen *Weg* geführt würden? - Stelle dir diese Fälle vor: Du bist auf einem Spielplatz, etwa mit verbundenen Augen, und wirst von jemandem an der Hand geleitet, bald links, bald rechts; du mußt immer des Zuges seiner Hand gewärtig sein, auch achtgeben, daß du bei einem unerwarteten Zug nicht stolperst. Oder aber: du wirst von jemandem an der Hand mit Gewalt geführt, wohin du nicht willst.

Oder: du wirst im Tanz von einem Partner geführt; du machst dich so rezeptiv wie möglich, um seine Absicht zu erraten und dem leisesten Drucke zu folgen.

Oder: jemand führt dich einen Spazierweg; ihr geht im Gespräch; wo immer er geht, gehst du auch.

Oder: du gehst einen Feldweg entlang, läßt dich von ihm führen.

Alle diese Situationen sind einander ähnlich; aber was ist allen den Erlebnissen gemeinsam?

172. Pensemos na experiência de ser levado! Perguntemo-nos: em que é consiste esta vivência se, por exemplo, somos levados por um caminho? -

Representa para ti estes: Estás num parque de jogos, com os olhos vendados, por exemplo, e és conduzido por alguém que pega na tua mão, ora para a esquerda, ora para a direita; tens de estar sempre na expectativa do puxão de mão, tens também de prestar atenção para não tropeçar por causa de um puxão inesperado.

Ou então: és levado com violência por alguém que te agarra pela mão, para onde não queres ir.

Ou: você és levado na dança por um parceiro; tornas-te o mais receptivo possível para adivinhar sua intenção e seguir a pressão por mais leve que seja.

Ou: alguém leva-te a passear por um caminho. Vão a conversar um com o outro; para onde quer que ele siga, tu segues o seu caminho.

Ou: caminhas por um caminho num bosque, deixas-te levar pelo caminho. Todas estas situações são semelhantes entre si; mas o que têm todas estas vivências em comum?

Obs.: ser reflexivo, médio. Tudo é um jogo de linguagem e uma forma de vida.

173. »Aber Geführtwerden ist doch ein bestimmtes Erlebnis!« - Die Antwort darauf ist: Du *denkst* jetzt an ein bestimmtes Erlebnis des Geführtwerdens.

Wenn ich mir das Erlebnis desjenigen vergegenwärtigen will, der in einem der früheren Beispiele durch den gedruckten Text und die Tabelle beim Schreiben geführt wird, so stelle ich mir das ›gewissenhafte‹ Nachsehen, etc., vor. Ich nehme dabei sogar einen bestimmten Gesichtsausdruck an (den z.B. eines gewissenharten Buchhalters). An diesem Bild ist z.B. die *Sorgfalt* sehr wesentlich; an einem andern wieder das Ausschalten jedes eigenen Willens. (Denke dir aber, daß jemand Dinge, die der gewöhnliche Mensch mit den Zeichen der Unachtsamkeit tut, mit dem Ausdruck - und warum nicht mit den Empfindungen? - der Sorgfalt begleitet. - Ist er nun sorgfältig? Stell dir etwa vor, der Diener lasse das Teebrett mit allem was darauf ist, mit den äußeren Zeichen der Sorgfalt, zu Boden fallen.) Vergegenwärtige ich mir so ein bestimmtes Erlebnis, so erscheint es mir als *das* Erlebnis des Geführtwerdens (oder Lesens). Nun aber frage ich mich: Was tust du? - Du schaust auf jedes Zeichen, du machst dieses Gesicht dazu, du schreibst die Buchstaben mit Bedacht (u.dergl.). - Das ist also das Erlebnis des Geführtwerdens? - Da möchte ich sagen: »Nein, das ist es nicht: es ist etwas Innerlicheres, Wesentlicheres.« - Es ist, als ob zuerst all diese mehr oder weniger unwesentlichen Vorgänge in eine bestimmte Atmosphäre gekleidet wären, die sich nun verflüchtigt, wenn ich genau hinschaue.

173. "Mas ser levado é uma vivência determinada!" - A resposta para isso é: tu estás agora a pensar numa vivência determinada de ser levado.

Se eu quiser presentificar para mim a vivência de alguém que é levado pelo texto impresso e pela tabela enquanto escreve, como num dos exemplos anteriores, então imagino o olhar 'consciencioso', etc.. Eu até adopto uma certa expressão facial (por exemplo, a de um contabilista rigoroso). Nesta representação o cuidado é bastante essencial; num outro exemplo dá-se por sua vez o desligar da própria vontade. (Mas pensa que alguém acompanha as coisas que o homem comum faz com os sinais da desatenção, com uma expressão - e por que não com as sensações? - de cuidado. - Será agora ele cuidadoso? Imagina que o empregado de mesa deixa cair ao chão a bandeja com tudo o que está sobre ela, com os sinais externos de cuidado.)

Se eu presentificar uma tal vivência, tal aparece-me como a vivência do ser levado (ou de ler). Mas agora pergunto-me: que é que estás a fazer? - Olhas para cada sinal, fazes a cara correspondente, escreves as letras com cuidado (e assim por diante). - Então essa é a vivência do ser levado? - Eu gostaria de dizer: "Não, não é isso: é algo mais interior, mais essencial". É como se primeiramente todos estes acontecimentos com maior ou menor importância estivessem revestidos por uma atmosfera determinada e que se põem em fuga, quando os olho de perto.

[178](#). Wir sagen auch: »Du *siehst* ja, daß ich mich von ihr führen lasse« - und was sieht der, der das sieht?

Wenn ich zu mir selbst sage: »Ich werde doch geführt« - so mache ich etwa eine Handbewegung dazu, die das Führen ausdrückt. - Mach eine solche Handbewegung, gleichsam als leitetest du jemand entlang, und frage dich dann, worin *das Führende* dieser Bewegung besteht. Denn du hast hier ja niemand geführt. Und doch möchtest du die Bewegung eine ›führende‹ nennen. Also war in dieser Bewegung, und Empfindung, nicht das Wesen des Führens enthalten und doch drängte es dich, diese Bezeichnung zu gebrauchen. Es ist eben *eine Erscheinungsform* des Führens, die uns diesen Ausdruck aufdrängt.

178. Também dizemos: “Vês que me deixo levar por ela” - e o que vê aquele que vê isso?

Quando digo a mim mesmo: "Estou mesmo a ser levado" - faço um gesto com a mão que expressa condução. - Faz um tal movimento de mão, como se estivesses levar alguém, e depois pergunta-te a ti em que consiste neste movimento o condutor (das Führende). Porque não conduziste aqui ninguém. E ainda assim você queres chamar-lhe movimento de condução. Portanto, este movimento, e sensação, não continham a essência da condução e, no entanto, impunha-se a utilização dessa designação. É apenas uma forma fenomenal de levar a que nos impõe esta expressão.

6.53 Die richtige Methode der Philosophie wäre eigentlich die: Nichts zu sagen, als was sich sagen lässt, also Sätze der Naturwissenschaft—also etwas, was mit Philosophie nichts zu tun hat—, und dann immer, wenn ein anderer etwas Metaphysisches sagen wollte, ihm nachzuweisen, dass er gewissen Zeichen in seinen Sätzen keine Bedeutung gegeben hat. Diese Methode wäre für den anderen unbefriedigend—er hätte nicht das Gefühl, dass wir ihn Philosophie lehrten—aber s i e wäre die einzig streng richtige.

6.53 O método correto da filosofia seria realmente o de não dizer nada além do que pode ser dito, isto é, proposições da ciência natural - portanto, algo que não tem nada a ver com filosofia - e então sempre que alguém quisesse dizer algo de metafísico, demonstrar-lhe que certos sinais nas suas frases não tinham sentido. Esse método seria insatisfatório para alguns - pois não teriam a sensação de que estávamos a ensinar-lhe filosofia - mas seria o único método correcto em sentido rigoroso.

6.54 Meine Sätze erläutern dadurch, dass sie der, welcher mich versteht, am Ende als unsinnig erkennt, wenn er durch sie—auf ihnen—über sie hinausgestiegen ist. (Er muss sozusagen die Leiter wegwerfen, nachdem er auf ihr hinaufgestiegen ist.) Er muss diese Sätze überwinden, dann sieht er die Welt richtig.

6.54 As minhas proposições explicam pelo facto de que aquele que me compreende, reconhece no fim que são sem sentido, se através delas - sobre elas - se elevou acima delas. (Ele tem de deitar fora a escada, depois de ter subido por ela.) Tem de superar essas proposições, então ele verá o mundo corretamente.

7 Do que não se pode falar, tem de se guardar silêncio.

7 Wovon man nicht sprechen kann, darüber muss man schweigen.